

A relação entre as experiências anteriores de mulheres usuárias de crack enquanto filhas e as vivências atuais enquanto mães.

ALAN TAVARES GARCIA¹; **LIENI FREDO HERREIRA²**; **PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO³**; **MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁴**.

¹*Universidade Federal de Pelotas – alantavaresgarcia@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lieniherreiraa@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – paolacamargo01@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - mandagara@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o consumo de substâncias psicoativas abrange todos os grupos sociais, incluindo homens, mulheres, adolescentes, idosos e até mesmo, crianças (MEDEIROS et.al., 2015).

O uso de crack e outras drogas merece uma atenção maior dos serviços de saúde, principalmente durante o período gestacional, para que se consiga o suporte necessário às mulheres usuárias da substância, e consequentemente estimulando o vínculo entre mãe e filho (CAMARGO, 2014).

Mulheres gestantes usuárias de crack e outras drogas vivenciam momentos de insegurança, responsabilidade e preocupação. Em especial, a insegurança de não saber lidar com essa gestação, na qual elas vivenciam sentimento de culpa, isolamento e constrangimento, por serem estigmatizadas por uma sociedade que não vê uma mulher usuária de substâncias psicoativas como uma “boa mãe” (ABRUZZI, 2011).

O objetivo deste trabalho foi conhecer como as relações anteriores de mulheres usuárias de crack, álcool e outras drogas com suas mães podem interferir na relação atuais com seus filhos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, resultado da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas intitulada “A visão da mulher usuária de cocaína/crack sobre a experiência da maternidade: vivência entre mãe e filho”.

O trabalho foi realizado através de observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas, com cinco mulheres que realizaram o uso de crack durante a gestação. A coleta de dados ocorreu na residência e no território das participantes, durante os meses de maio a agosto do ano de 2014. Após a coleta dos dados as entrevistas foram transcritas, lidas e interpretadas, junto às observações anotadas nos diários de campo, a partir da Teoria Interpretativa de Clifford Geertz (2008).

As participantes receberam nomes de flores e as crianças de princesas e super-heróis, de acordo com a escolha das mesmas, garantindo assim os seus anônimos.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem, pelo parecer 643.166. Todos os princípios éticos considerados para

a elaboração da pesquisa foram ao encontro da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos resultados desta pesquisa podemos compreender o quão é significativo o apoio da família a essas mulheres usuárias de drogas. Ao encontro com os achados deste estudo, Seadi e Oliveira (2009) também relatam que as mães são a maioria dentro dos centros de apoios de usuários de substâncias psicoativas. Corroborando com essa pesquisa, na qual as mães também têm influência de certa forma no processo de maternidade de suas filhas usuárias de crack.

Dama da Noite, no depoimento sobre sua mãe, relatou que não existiam conflitos entre elas, que sua mãe era como uma guerreira e que sempre esteve presente em sua vida, sendo um grande apoio, principalmente após o nascimento de seu filho, o qual a avó realizou os cuidados. Dama da noite foi a única que não relatou nenhum conflito com sua mãe, tanto na infância como na vida adulta, não havendo nenhum reflexo negativo do afeto materno.

Crisântemo mantinha uma relação conflituosa com sua mãe, durante os relatos se emocionou e com lágrimas contou que sofreu agressões físicas pela mãe quando mais nova. Ela guarda muitas mágoas, relembra que quando jovem participava de um grupo de dança na escola e que todas as mães compareciam nas atividades, somente a dela não estava presente. Ela também relata um sentimento de culpa por seu nascimento, visto que sua mãe era muito nova e a gravidez não foi planejada. Atualmente sua mãe lhe ajuda, porém ainda desconfia de suas atitudes, não a deixando realizar atividades sozinha, dificultando a sua autonomia. Percebe-se que não são apenas marcas físicas, mas a forma como é tratada ainda lhe afeta bastante.

Dália expôs que o início do uso de substâncias foi através da convivência com sua mãe, que fazia o uso de cocaína na presença de membros da família, além disso, relatando também que a relação entre elas é bastante conflituosa até os dias atuais.

Margarida mantinha uma relação estável com sua mãe, relata que só iniciou um convívio diário com a mesma após os 13 anos, já que anteriormente sempre morou com sua avó. No início foi muito difícil à relação entre elas devido às diferenças que tinham e a dificuldade na adaptação deste novo ciclo, visto que não estavam acostumadas com este convívio. Porém relatou que a mãe sempre lhe tratou bem, porém sua afinidade com sua avó até hoje é maior.

Irís relatou que sua mãe a deixava passar fome e a maltratava tanto psicologicamente como fisicamente, comentou também que não teve uma boa estrutura familiar e pouco contato com sua família.

Entendendo-se o relato da mesma vimos que: “A violência doméstica e as situações conflitantes no âmbito familiar são experiências frequentes no cotidiano das famílias com histórico de drogadição” (MARANGONI; OLIVEIRA, 2013, p. 667).

As mulheres do presente estudo, porém, contrariando o senso comum, relatam uma relação com seus filhos bem distinta das que tiveram com suas mães. Além do desejo da maternidade, também apresentaram uma relação de muito amor e carinho com seus filhos.

Mesmo essas mulheres sofrendo algum tipo de agressão na infância de suas mães ou de outras pessoas por conviver em um ambiente familiar com conflitos, elas não reproduzem suas experiências negativas com seus filhos, ao contrário disso, elas demonstram vontade de agir com seus filhos de uma maneira mais amorosa e próxima do que a relação que tiveram com suas mães.

Os profissionais de saúde devem estar atentos para essas relações de conflito, para que possam promover um cenário mais acolhedor para essas mulheres e consequentemente propiciar um ambiente de mais afeto para as crianças.

Os educadores devem ter uma atenção e um cuidado voltado para essas crianças, afim de identificar o contexto em que estão inseridas e assim realizar um atendimento mais singular e integral a cada uma.

3. CONCLUSÕES

Entendendo o objetivo deste trabalho, a partir da vivência do campo e as entrevistas, foi possível compreender de forma mais ampla o conhecimento que mulheres usuárias de crack possuem sobre a maternidade e como ela irá vivenciar isso com seus filhos, caracterizando a vida destas famílias e observando como certos fatores podem influenciar nessa relação entre mãe e filho.

Nota-se que para essas mulheres, além de sentimentos incertos, elas ainda presenciam o preconceito e a estigmatização da sociedade que as julgam incapazes de ser uma boa mãe, deixando-as mais vulneráveis do que a própria condição de usuária de substâncias psicoativas.

Devemos olhar menos para o consumo de determinada substância e mais para a pessoa, pois a droga é apenas uma parte do contexto da vida de cada uma dessas mulheres, que não refletiram aspectos negativos enquanto a experiência de ser mãe.

Cabe enfatizar que além do histórico familiar conflituoso, a relação dessas mulheres com suas mães é vista de forma negativa para a maioria delas, devido aos diversos episódios que viveram anteriormente, enquanto filhas. Porém, percebe-se que estas mulheres não reproduzem essa relação com seus filhos, com isso o ser mãe vai muito além do uso de drogas, por que, nem toda mãe usuária irá ser relapsa, violenta ou negligente.

Portanto, as vivências anteriores com suas mães não refletiram de forma negativa nas vivências atuais com os seus filhos. As experiências negativas que tiveram enquanto filhas, as fizeram ter o desejo de reproduzir enquanto mães experiências diferentes das já vividas. E nós profissionais devemos estar atentos para valorizar este encontro como uma potência do cuidado em saúde

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUZZI, J. C.; **A experiência da gestação na perspectiva de gestantes usuárias de crack internadas em uma unidade psiquiátrica de um hospital geral.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Enfermagem) – Escola de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de**

2012: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 2012.

CAMARGO, P.O. A visão da mulher usuária de cocaína/crack em relação a experiência da maternidade: vivência entre mãe e filho. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas

GEERTZ, C. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1 ed., 13 reimpr., 2008.

MARANGONI, S.R.; OLIVEIRA, M.L.F. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.22, n.3, p. 662-70, 2013.

MEDEIROS, K.; MACIEL, S.; SOUSA, P.; VIEIRA, L. Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias, **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 3, p. 517-528, 2015.

SEADI, S. M. S; OLIVEIRA, M. S. A terapia multifamiliar no tratamento da dependência química: um estudo retrospectivo de seis anos. **Psicol. Clínica**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, 2009.